

Academia Mineira de Medicina - 09/08/2019

▪ Discurso de Posse como Membro Honorário ▪

Luiz Otávio Savassi Rocha

-
- **Dr. Walter Antônio Pereira** – Presidente da Academia Mineira de Medicina
 - **Dr. Emerson Fidelis Campos** – 1º Vice-Presidente da Academia Mineira de Medicina
 - **Dra. Cláudia Fonseca Pereira** – Secretária Adjunta da Academia Mineira de Medicina
 - **Dr. Fábio Augusto de Castro** – Vice-Presidente da Associação Médica de Minas Gerais
 - **Dr. Herman A. Vivacqua von Tiesenhausen** – Conselheiro do CRM-MG
 - **Dr. José Alvarenga Caldeira** – Conselheiro do Sindicato dos Médicos de Minas Gerais
 - **Dr. Luiz Megale** – Secretário da Academia Mineira de Pediatria
 - **Acadêmica Dra. Sinara Mônica de Oliveira Leite** – Representante do Diretor da Fundação Educacional Lucas Machado e do Diretor da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais
 - **Dr. Humberto José Alves** – Diretor da Faculdade de Medicina da UFMG
 - **Dr. Walter dos Reis Caixeta Braga** – Meu paraninfo

▪ Agradeço a presença de meus familiares, colegas e amigos; agradeço, particularmente, ao meu paraninfo, o querido amigo **Walter dos Reis Caixeta Braga**, pelas palavras elogiosas, não sem adverti-lo, com base na exortação de **João Guimarães Rosa**, patrono da **cadeira 102** da Academia Mineira de Medicina, de que “Tudo, pela metade, é verdade”.

▪ Ao receber tão honrosa homenagem, reverencio, em primeiro lugar, a memória de meu pai, o cordisburguense **Cristóvão Colombo Rocha** – assim chamado em homenagem ao navegador genovês que aportou na América no dia de sua data natalícia, 12 de outubro –, e a memória de minha mãe, **Nely Savassi Rocha**, que nasceu no Rio de Janeiro em 1918, ano em que a terrível gripe espanhola, causada por uma cepa altamente virulenta do vírus A/H1N1, se espalhou, como um rastilho de pólvora, pela então capital da República, provocando milhares de óbitos.

▪ Apesar de ter concluído somente o curso secundário, em Sete Lagoas, **Cristóvão Colombo Rocha** dava aulas de português para seus filhos e para os filhos de seus vizinhos, façanha hoje por demais improvável em se tratando de grande parte dos graduados (e até mesmo pós-graduados) em cursos superiores. Ademais, era um cidadão de fino trato, sempre

referido, equivocadamente, como “doutor”; na verdade, tratava-se de um simples funcionário público, espirituoso, com alma de poeta e postura de diplomata. Trabalhando na Secretaria das Finanças – Departamento de Compras –, envolvido com concorrência pública e licitações, primou sua conduta pela ética e pela integridade; por conseguinte, foi um justo, um virtuoso, na verdadeira acepção do termo, pois só há virtude quando há possibilidade do pecado e, no seu caso, em face de sua posição estratégica, sobravam oportunidades para a prevaricação. Que falta fazem no Brasil contemporâneo pessoas que tratem a coisa pública como o fez outrora o saudoso **Cristóvão Colombo Rocha!**

▪ Ao reverenciar a memória de minha mãe, **Nely Savassi Rocha** – pessoa de todos querida, cujas origens, pelo lado paterno, remontam à província de Mantova, terra natal do poeta **Virgílio** –, seja-me permitido ler o pungente poema **Mãe Clemente**, publicado em maio 1989, de autoria de nosso saudoso colega **José Narciso Bedran**, que cedo nos deixou. Abre aspas:

Fizeste-nos do nada e do inacreditável,

e, fundindo-nos com tuas mágicas,

passamos do disforme ao que é humano

dentro do forno cálido do teu regaço.

Tornas-te pois dona do que criaste e quiseres,

embora te escape num rasgo de sangue e dor.

Fazes então valer teu amor de consciência e sempre.

Esquecendo-te das tuas, iguais à de todos nós,

reconheces a nossa perda cruenta e irreparável

de não mais pertencermos ao agasalho do teu corpo,

de estarmos em carne viva de desamparo,

e concedes, sábia, o suave e único consolo de beijar-nos onde dói.

▪ Recuando no tempo, reverencio a memória de **Cassiano Nunes Moreira**, meu bisavô pelo lado paterno, que, em 1868, exatamente 100 anos antes de minha formatura na Faculdade de Medicina da UFMG, graduou-se pela então sexagenária Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, “sob os auspícios do muito alto e muito poderoso príncipe, o senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e defensor perpétuo do Brasil”. Em 1866, quando cursava o 4º ano, Cassiano participou da Guerra do Paraguai, na condição de 2º cirurgião em comissão do exército brasileiro e, por ocasião de sua formatura, apresentou à Faculdade de Medicina uma **These**, requisito para que obtivesse o grau de Doutor em Medicina. A **These** constou de uma dissertação (**Das moléstias carbunculosas**) e de três proposições (**Influência que exercem as sangrias gerais na marcha e terminação da pneumonia, A eclâmpsia durante a**

prenhez e o parto e O aborto criminoso). Representado, no Velho Testamento (**Êxodo 9:1-7**), pela “quinta praga do Egito”, o carbúnculo – ou antraz –, tema da dissertação, foi a primeira doença a satisfazer os postulados de Koch. Processo infeccioso causado pelo *Bacillus anthracis*, a afecção não tinha, à época da formatura de Cassiano, tratamento específico, pois não se dispunha de antibióticos; de modo que, nas fases iniciais, preconizava-se a cauterização da lesão cutânea – a chamada “pústula maligna” – com ferro incandescente. Passado o momento oportuno para a cauterização e uma vez ocorrida a disseminação hematogênica, ficava caracterizada a irreversibilidade do quadro clínico, de modo a confirmar o milenar aforismo hipocrático: *Quaecumque non sanant medicamenta* (“O que os medicamentos não curam”), *ea ferrum sanat* (“o ferro cura”); *quae non ferrum sanat* (“o que o ferro não cura”), *ea ignis sanat* (“o fogo cura”); *quae ignis non sanat* (“o que o fogo não cura”), *ea incurabilia judicare oportet* (“não pode ser curado”). Vale registrar que, em sua dissertação, Cassiano houve por bem incluir, à guisa de epígrafe, a atualíssima advertência do médico italiano **Bernardino Ramazzini** – o “Pai da Medicina do Trabalho” –, extraída de sua obra **De Contagiosa Epidemia**, publicada em Padova, em 1712: *Ubi enim de morbo contagioso agitur, nunquam satis cavemus, dum cavemus* (“Em se tratando de doenças contagiosas, nunca cuidamos o suficiente, por mais que cuidemos”). Importa ainda assinalar que, durante o curso médico, meu bisavô foi aluno do eminente clínico **João Vicente Torres Homem**, que, anos depois, converter-se-ia no paraninfo dos doutorandos de 1885, entre os quais se incluíam **Miguel Couto**, internista de escol, e o grande **Cícero Ferreira**, patrono da **cadeira 13** da Academia Mineira de Medicina, cujo busto desponta ao lado de majestoso jatobá, em frente à Faculdade de Medicina da UFMG. Por demais admirado por seus pares, Cícero Ferreira faleceu em 14 de agosto de 1920; um mês depois, em sessão solene em homenagem à sua memória, o **Prof. Álvaro de Barros**, catedrático de Clínica Neurológica e Psiquiátrica e patrono da **cadeira 15** da Academia Mineira de Medicina, afirmou, em emocionada oração: “Tudo aqui o há de aclamar como o maior e o melhor dos nossos”; e, logo em seguida, inspirado em passagem do Novo Testamento (**Lucas 19:40**), arrematou: “E ‘se os sacerdotes emudecerem, bradarão as pedras do Templo!’.”

▪ Reverencio, também, a memória do **Prof. Luigi Bogliolo**, discípulo da Escola de **Giovanni Battista Morgagni**, fonte de inspiração e o principal responsável por meu ingresso na carreira universitária. Com ele, e com seus fiéis colaboradores, **Washington Luiz Tafuri**, **Pedro Raso** – titular da **cadeira 34** da Academia Mineira de Medicina – e **Pérsio Godoy**, aprendi a valorizar as autópsias e, por via de consequência, as Sessões Anatomoclínicas, que se constituíram, mercê de seu indiscutível valor heurístico, em um dos pilares de minha formação médica, e que, com o passar do tempo, se converteram em uma de minhas inelutáveis paixões. Na sala de autópsia – por ele considerada uma espécie de “templo sagrado” –, **Bogliolo** exigia respeito absoluto ao cadáver, como se incorporasse a mensagem contida em célebre máxima latina – *Taceant colloquia. Effugiat risus. Hic locus est ubi mors gaudet succurrere vitae* –, de acordo com a qual, em um ambiente onde a morte se alegra por socorrer a vida, impõe-se o fim de toda conversação e a renúncia ao riso. Para retratar

a postura austera de **Bogliolo** durante a realização do exame cadavérico, vale mais que nunca reproduzir o depoimento do saudoso psiquiatra **Joaquim Affonso Moretzsohn**, primeiro ocupante da **cadeira 99** da Academia Mineira de Medicina, contido em seu livro **Médicos mineiros escritores**. Abre aspas:

Conheci o Prof. Bogliolo. Estreou com minha turma no 4º ano médico, em 1944. “Quê? Queres sentir cheiro de rosas?” – exclamou, com carregado sotaque peninsular, ao perceber que eu levava um lenço ao nariz, na sala de autópsia.

Movido por irrefreável “paixão de formar”, o que mais parecia empolgar Bogliolo era a possibilidade de investir no jovem ávido de conhecimento, aguçando-lhe a curiosidade, ajudando-o a refletir sobre os fatos observados, estimulando-o a desenvolver a consciência crítica e desafiando-o a descobrir as coisas por si mesmo. Na esteira de **Bogliolo**, penso ter introjetado essa “paixão de formar”, comportando-me, ao longo de tantos anos, como uma espécie de “desequilibrador que acolhe”, ciente de que a função precípua do educador não é encher baldes, mas acender fogueiras, de acordo com a concepção do poeta irlandês **William Butler Yeats**, Prêmio Nobel de Literatura em 1923.

▪ Reverencio, finalmente, a memória do **Prof. Washington Luiz Tafuri**, discípulo de **Luigi Bogliolo**, que, ao ser alçado à condição de Membro Emérito desta Academia, em 2006, solicitou-me, reiteradas vezes, naquela ocasião, que pleiteasse a condição de Membro Titular da instituição no sentido de substituí-lo na **cadeira 46**, que já fora ocupada pelo próprio **Prof. Luigi Bogliolo**. Por razões várias, não pude atender ao pedido do querido mestre, que eu tinha na conta de um quase irmão. Homem simples, ligado à terra, destituído da arrogância daqueles que se julgam melhores do que realmente são, o **Prof. Tafuri** operou uma descoberta seminal no campo das neurociências quando, no final dos anos 1950, trabalhando sob a orientação do **Prof. Herman Hager**, no Instituto Max Planck, de Munique, identificou, nas fibras nervosas amielínicas intraganglionares do plexo de Auerbach, os chamados “grânulos elementares de neurosecreção”, sob a forma de vesículas granulares com conteúdo osmiófilo denso, até então consideradas, indevidamente, específicas e exclusivas do trato hipotálamo-hipofisário. Vale registrar que o primeiro ocupante da **cadeira 67** desta Academia, o saudoso **Prof. Wilson Teixeira Beraldo**, meu professor de Fisiologia, operou, ao descobrir a bradicinina, no final dos anos 1940, quando trabalhava com o **Prof. Rocha e Silva**, no Instituto Biológico de São Paulo, uma proeza comparável àquela do **Prof. Washington Tafuri**, na medida em que ambas as descobertas desencadearam, por sua importância, um sem-número de pesquisas correlatas, contribuindo, de forma por demais significativa, para o avanço da Ciência.

▪ Há muito me pergunto sobre o que é ser médico e, particularmente, o que é ser clínico na contemporaneidade, ou seja, num tempo em que, como denuncia **Zygmunt Bauman**, as relações interpessoais, marcadas pela “fluidez”, escorrem pelo vão dos dedos. Por conseguinte, no momento em que sou alçado à condição de Membro Honorário da Academia Mineira de Medicina, cumpre-me emitir um juízo – uma espécie de profissão de

fé – sobre tema tão candente, ao cabo de meio século de exercício da profissão. Ser clínico, para mim, é administrar a incerteza, sem demonstrar insegurança. É se dar conta de que, na prática cotidiana, o desafio é sempre novo, na medida em que a “experiência”, não obstante seu inestimável valor, pode ser comparada a um carro cujos faróis, voltados para trás, iluminam a estrada já percorrida, como ensina **Pedro Nava**, o insigne memorialista, primeiro médico a receber, em 1972, o título de Membro Honorário da recém-fundada Academia Mineira de Medicina. Ser clínico é rebelar-se contra a “Medicina *prêt-à-porter*”, da produção em série e do consumo, que dispensa o raciocínio elaborado e a reflexão amadurecida. É estar sempre disposto a exercer, sem pressa, a arte da escuta empática, desarmada; alguém capaz de ouvir o que é dito e, sobretudo, o não-dito; alguém que se disponha a ler nas entrelinhas, a captar o conteúdo latente do discurso do paciente, perscrutando a mensagem implícita em suas pausas e vacilações, mesmo porque, como ensina o velho Riobaldo, “a gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde”. É saber que, sentindo-se de tudo destituído, com sua autoestima dilacerada e sua identidade posta em xeque, o ser-que-sofre, entre a dor e o nada, talvez prefira a dor. Ser clínico é ser capaz de realizar um exame físico refinado e o mais completo possível, ciente de seu incontestável valor heurístico e, até mesmo, de sua transcendência, na medida em que, como ensina **Lewis Thomas**, “o tato é um meio de conseguir significativas visões íntimas”. É saber que o ato médico transcende o fato médico e que a busca de “evidências”, baseadas, sobretudo, em estudos randomizados, constitui apenas um dos componentes da tomada de decisões. É não deixar que os *guidelines*, protocolos e algoritmos, fundamentos da chamada “*cookbook Medicine*”, sejam sempre os balizadores implacáveis da conduta médica; por conseguinte, é ter a consciência clara de que o exercício de seu ofício está menos para um concerto-recital, em que, de forma mais ou menos previsível, interpreta-se ao pé da letra uma partitura, do que para uma *jam session*, em que se privilegia a improvisação ao sabor do clima que brota no momento da interação entre os músicos participantes. É privilegiar a subjetividade; é “andar com o sapato do outro” e, sem abrir mão da própria individualidade, procurar enxergar o mundo a partir de sua perspectiva. É tornar-se uma espécie de *alter ego* do paciente, ajudando-o a descobrir, em um relacionamento marcado pelo diálogo e pela parceria, o que parece ser melhor para si, em um certo momento e sob determinadas circunstâncias, sem no entanto deixar de informá-lo, com base em pesquisas idôneas, sobre o que seria, em tese, melhor para um grande número de pessoas, em circunstâncias parecidas, mas nunca idênticas. É relativizar a importância dos exames complementares, dando-lhes o valor que merecem, nem mais, nem menos; e, em se tratando dos métodos de imagem, é saber precaver-se contra os “incidentalomas”. É ser chamado a atender pacientes sem diagnóstico, com quadros clínicos obscuros ou apresentações insólitas de afecções comuns, pacientes esses que, pela indefinição de seu problema, exigem uma abordagem a mais abrangente possível. É cultivar a prudência pois, como ensina o escritor cordisburguense, “muito junto do braseiro, gente há às vezes que não se aquece direito, mas corre risco de sapear a roupa”. É ter consciência de que a Natureza, sutil e caprichosa,

não cede com facilidade seus segredos e, indiferente, desconhece o princípio das boas intenções; ademais, é reconhecer que em Ciência pode-se falar em verossimilhança, mas jamais em verdade, mesmo porque a verdade é refém do tempo, entendido – o tempo – como um “cruel depurante”. Ser clínico é, mineiramente, de tudo desconfiar e, partindo da premissa de que “a dúvida é o travesseiro do médico” – como não se cansava de repetir o saudoso **Prof. João Galizzi**, primeiro ocupante da **cadeira 37** da Academia Mineira de Medicina –, é estar sempre disposto a reconsiderar o próprio julgamento. É ser um profissional inacabado, sempre a meia jornada, em permanente gestação. É estudar muito e saber pouco; e, cômico de sua fragilidade, de suas limitações e da precariedade de sua humana condição, é cultivar a humildade, pois, em sua práxis cotidiana, está condenado a encenar o incômodo papel de super-homem, em face da extrema complexidade de sua missão. E, *last but not least*, é ter sempre em mente que “a Medicina acaba, mas o médico continua”, consoante a sábia exortação de venerando médico são-joanense; e, diante do chamado “paciente terminal”, é ser capaz de acolhê-lo, amorosamente, até o desenlace, na crença de que há momentos de plenitude em muitas despedidas...

▪ Hoje, infelizmente, em que pese sua incontestável importância e seu quase inacreditável refinamento, a tecnologia roubou a cena, passou de coadjuvante a ator principal, convertendo-se num valor em si mesma, a ponto de o **Prof. Eric Cassell** compará-la à “vassoura do bruxo”, protagonista do célebre poema de Goethe – **O aprendiz de feiticeiro**. Essa deformação chegou a tal ponto que um outro *scholar*, de ascendência indiana – o **Prof. Abraham Verghese**, da Stanford University –, houve por bem criar, inspirado nos produtos da marca Apple, o neologismo *iPatient*, para se referir à triste condição do paciente, convertido em um banco de dados ou em um prosaico “boneco estragado”. Urge, nesse contexto, resgatar a “Medicina da Pessoa”, de que falava, com tanta propriedade, o saudoso **Prof. Danilo Perestrello**. Afinal, a “pessoa” decorre da interação humana; é fruto do olhar legitimador do outro, que a constitui. É um produto do ser humano em sua interação com seu semelhante. Sem essa dimensão – via de mão dupla, marcada pela parceria, pelo diálogo e pela cumplicidade –, suprime-se a “pessoa” da prática médica.

▪ Há quase 90 anos, confirmando a constatação do poeta **Ezra Pound** de que os artistas são “as antenas da raça”, o doutorando **João Guimarães Rosa**, na condição de orador da 14ª turma da Faculdade de Medicina da UFMG (então UMG), já mostrava preocupação com os rumos da prática médica, ao referir-se às circunstâncias que presidiram a morte de destacada figura da Medicina brasileira. Abre aspas:

De distinto médico patricio contam que, achando-se moribundo, gostava que os companheiros o abanassem. E a um deles, que se oferecera trazer-lhe moderníssimo ventilador elétrico, capaz de renovar-lhe continuamente o ar do aposento, respondeu, admirável no esoterismo profissional e sublime na intuição de curador: “Obrigado; o que me alivia e conforta não é o melhor arejamento do quarto, mas sim a solícita solidariedade dos meus amigos...”

É incontestável que, hoje em dia, não podemos, no exercício da Medicina, abrir mão da tecnologia de ponta representada, nos idos de 1930, pelo “moderníssimo ventilador elétrico” de que fala o escritor cordisburguense; o que importa, porém, é que utilizemos semelhante artefato movidos pela solidariedade para com o ser-que-sofre – ou seja, como se, intimamente, o estivéssemos abanando...

▪ Vivendo sob forte influência da exortação contida no **Livro de Jó (5:13)** e em **Coríntios (3:19)**, segundo a qual o sábio será apanhado em sua própria astúcia, bem como da máxima *Sic transit gloria mundi*, contida na **Imitação de Cristo**, de **Thomas von Kempen**, e simbolizada, em comovente cerimonial religioso, pelo fogo que consome a estopa, convertendo-a em cinzas, não me envaidece uma homenagem como a que ora recebo. Mas, acreditem, ao adentrar, na condição de Acadêmico Honorário, a Casa de Cícero Ferreira, sinto-me por demais revigorado, com alguns anos a menos, na medida em que recebo tamanha energia, emanada de colegas e amigos tão queridos, prenes de generosidade. Por conseguinte, agradeço, *ab imo corde*, a todos que me distinguiram e peço permissão para compartilhar a homenagem com meus mestres, que em sua maior parte já se foram; com meus alunos e ex-alunos; com meus irmãos, Paulo Roberto (Professor Emérito de Cirurgia da Faculdade de Medicina da UFMG), Maria do Carmo, Antônio Celso, Maria Inês, José Carlos (*In memoriam*), Maria Lúcia e Francisco Eduardo; com minhas noras, Flávia, Ana Carolina e Rita; com meus filhos, Alexandre, Guilherme e Renato, artífices de um mundo melhor; com meus netos, Davi, Amanda, Jade e Artur, esperança de um mundo melhor; e, sobretudo, com minha querida esposa Ana Maria, pessoa muito especial, inclinada, por vocação e desde sempre, a espargir amor.

Muito obrigado!